

Por uma prática através da teoria: notas sobre a teoria crítica e a prática projetiva

- Alexandre Gonçalves

No início do século XXI, vários indicadores apontaram para uma crise da teoria crítica arquitetônica, incluindo o fechamento editorial de revistas importantes do campo teórico, tal como a *Assemblage*, fundada em 1986 por K. Michael Hays e Alicia Kennedy, e fechada no ano 2000. Simultaneamente, movimentos e ensaios pró-prática estimularam o desenvolvimento de paradigmas que fomentam a prática projetiva desvinculada e completamente independente da teoria. Por considerar a teoria contemporânea irrelevante sobre a produção prática e técnica da arquitetura, alguns arquitetos como Michael Speaks passaram a formular outras bases para a arquitetura que não mais carregassem a densidade intelectual da teoria crítica, considerada por eles como “quente”, difícil, e pesada.

De fato, a criticalidade enquanto sistema teórico destinado a orientar e questionar a arquitetura como significado e disciplina dotada de sentido, falhou ao negar a necessidade da interdisciplinaridade para o desenvolvimento de seus temas. A ênfase no processo e na autonomia disciplinar tal como buscado por Peter Eisenmann mergulharam a disciplina em um círculo vicioso que a fazia voltar para o mesmo lugar dentro de seus complexos campos de análise e reflexão, que apesar de terem grande valor de exploração teórica e analítica, deixaram de integrar a arquitetura a outros campos do conhecimento. Essa integração interdisciplinar, que Anthony Vidler chama de “o campo ampliado da arquitetura” (baseado nos pensamentos da escultora Rosalind Krauss), era o eixo de conexão disciplinar que faltava à arquitetura para tornar a teoria mais próxima à atividade prática.

No entanto, mesmo as abordagens teóricas interdisciplinares que buscaram amparo na psicanálise, filosofia, sociologia, linguística, matemática, genética, e outros campos do conhecimento, se mostraram insuficientes para obter conexão relevante com a prática arquitetônica. Estaria a criticalidade esgotada de fato? A teoria crítica não tem nenhum impacto sobre a arquitetura do século XXI? Para Michael Speaks a resposta é sim, e a arquitetura contemporânea atua após a crítica, “depois da teoria”. Com o paradigma da “Inteligência de Projeto” publicado em 2002, Michael Speaks provocou grande controvérsia com suas afirmações “pós-crítica”. Para ele, a inteligência se tornou o elemento norteador em arquitetura, e tal como as agências de segurança estratégica, a arquitetura passou a se desenvolver como um conjunto de estratégias definidas em função de bases técnicas, científicas, holísticas, mediadas

por informações digitais e globalizadas. Nesse sentido, a prática projetual não depende da profundidade intelectual da filosofia e da busca incessante por significados que conceitualmente estão muito distantes da vida cotidiana dos escritórios de arquitetura, que sequer estão encontrando tempo para satisfazer a todas as exigências normativas burocráticas e relativas ao contexto empresarial, político e social.

Qual seria então o melhor caminho? A defesa da criticalidade, mesmo que essa demonstre um grau de distanciamento significativo em relação às contingências do dia-a-dia? Ou a prática projetiva que assume a disciplina enquanto elemento técnico e científico essencialmente produtivo?

Como resposta, lanço a menção de John McMorrough, que se opõe ao debate comum da “teoria versus prática”, e frisa que na verdade ambas são inseparáveis, deslocando o foco da “teoria ou prática” para “teoria e prática”. Assim, considero importante constituir que a restituição da criticalidade é fundamental, mas não como processo autônomo, e sim no âmbito de uma versão revista e reformulada, como bem colocou Arie Graafland. A arquitetura não pode se desprender completamente da teoria por motivos óbvios: se a disciplina não sabe o que é e nem o que pode vir a ser, o caráter de identidade inerente a qualquer atividade intelectual e científica estaria comprometido, e as bases de atuação serão sólidas apenas por um momento. É como um prazer efêmero, uma ilusão de assertividade com a aparência momentânea do sucesso, que com o passar do tempo revelará a ausência de rumo e desse sentido.

Com essas reflexões sobre a teoria crítica e a prática projetiva, buscamos aqui, com base nos pensamentos de John McMorrough, mostrar que teoria e prática precisam caminhar juntas. A revisão e reforma dos paradigmas sobre a teoria é uma demanda real, assim como a absorção da pragmática aos conceitos teóricos exige mais abertura, o que nos leva a considerar que existe um longo caminho a ser percorrido para que a arquitetura contemporânea encontre algum equilíbrio conceitual. Equilíbrio este que pode parecer utópico, e talvez o seja, mas que deve ser a busca incessante: o significado e o sentido, seu desdobramento no aço e no concreto, elemento construído.